

A REPRESENTAÇÃO DO EXÍLIO EM *NO PASÓ NADA*, DE ANTONIO SKÁRMETA

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

Resumo

A temática do exílio tem sido recorrente na literatura contemporânea produzindo representações literárias de uma das experiências humanas mais impactantes. Este texto propõe a análise do romance *No pasó nada*, de Antonio Skármeta, que se insere no contexto da ditadura no Chile, após o assassinato de Salvador Allende. Nessa obra, Skármeta busca retratar as dificuldades dos exilados de um ponto de vista diferenciado, na perspectiva de um adolescente de quatorze anos. É através do seu olhar que o leitor acompanha o choque entre culturas e o seu processo de aculturação.

Palavra-chave: Exílio. Skármeta. *No pasó nada*. Aculturação.

Abstract

The subject of exile has been recurrent in contemporary literature producing literary representations of one of the most shocking human experiences. This text proposes the analysis of the novel *No pasó nada*, by Antonio Skármeta, which is inserted in the context of the dictatorship in Chile, after the murder of Salvador Allende. In this work, Skármeta seeks to portray the difficulties of exiles from a different point of view, from the perspective of a fourteen-year-old adolescent. It is through his eyes that the reader follows the clash between cultures and his process of acculturation.

Keywords: Exile. Skármeta. *No pasó nada*. Acculturation.

INTRODUÇÃO

Na madrugada de 11 de setembro de 1973, o presidente da República do Chile, Salvador Allende, anunciou, pelo rádio, aos cidadãos do país que as Forças Armadas haviam se rebelado e exigiam a sua renúncia. Ele não apenas resistiu ao ultimato, como foi assassinado. Nesse mesmo dia, o governo militar se instaurou no Chile e iniciou uma brutal repressão política, com perseguição aos dissidentes e suas famílias. A Unidade Popular, uma união de partidos de esquerda que apoiavam o regime constitucional socialista deposto, foi duramente perseguida e muitos dos seus membros e aliados foram

¹ Doutora em Literatura Comparada, com Pós-Doutoramento em Literaturas de Língua Inglesa. Ensaísta com trabalhos publicados no Brasil, Portugal, Inglaterra, México e EUA.

barbaramente torturados e mortos. Nesse contexto, muitas famílias optaram pelo exílio em outros países da América Latina e na Europa.

Não são poucas as obras que se reportam a esse episódio histórico. Em geral, a condição do exílio tem sido vista como um tropo literário gerador de um tipo específico de produção literária. Christian Kupchik (2017), por exemplo, refere-se à temática do exílio e à sua condição política como algo que tem acompanhado o homem em sua trajetória ao longo dos séculos:

Desde que Ulises debió partir de Itaca -o quizás mucho antes- el exilio significó una pena que por siempre acompañó el destino de los hombres. El castigo era una compensación a pagar por una culpa política, pero el costo de la política (al igual que sucede con el amor), no es tan difícil de definir. Ni siquiera la política en su significado más amplio puede enmarcarse en un rótulo único y abarcativo sin caer en el simplismo más absurdo. De modo que el exilio tampoco es susceptible de ser equiparado a la noción lisa y llana del destierro, por el hecho de que sería insuficiente. Tan doloroso puede resultar verse obligado a renunciar a un país o a un paisaje, como al cuerpo de la mujer amada, a la infancia o al color de un cielo. Todo ello es exilio y puede estar motivado por causas "políticas" o no, aunque, lo sabemos, siempre será político. La sola imposición del no retorno ya denota su condición política.

Em *Reflexões sobre o exílio* (2003), Edward Said enfatiza que “o exílio é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar”, ou seja, entre o eu e o lugar antropológico, que corresponde às raízes do indivíduo e é identitário, relacional e histórico. Essa fratura, em consequência à desterritorialização, promove uma tripla ruptura, o exilado perde suas raízes, adota um idioma diferente e encontra-se em um meio ambiente em que os códigos sociais não só divergem dos seus, mas podem, às vezes, ser desagradáveis ou mesmo ofensivos. (RUSDHIE, 1991, p. 277-8)

Neste artigo, buscaremos examinar um romance de Antonio Skarmeta, *No pasó nada!*, escrito simultaneamente à sua famosa obra *O carteiro e o poeta*, que focaliza a experiência do exílio. Como ponto de partida, traçaremos uma visão panorâmica da literatura chilena sobre o tema.

A literatura do exílio tem sido produzida de duas maneiras distintas: como literatura de testemunho, que tem um caráter de denúncia e relata experiências vividas (a prisão, as torturas, etc.), e como uma ficção híbrida, de caráter documental, cujo contexto é a história imediata. Ao primeiro grupo pertencem obras como *Prisión en Chile* (1977) de Alejandro Witker, e ao segundo *De amor*

y de sombra (1984) de Isabel Allende e *Soñe que la nieve ardía* (1975) de Antonio Skármeta.

Uma terceira abordagem do exílio se desenvolveu posteriormente e corresponde ao mundo da “diáspora chilena”. Foi a literatura desenvolvida pela comunidade chilena no exílio, dotada de meios próprios de expressão, como revistas (*Araucária y literatura chilena em el exílio*), programas de rádio e romances e novelas. Pertencem a essa vertente obras como: *Eva Luna* (1987) de Isabel Allende; *El jardín de al lado* (1981); *No pasó nada* (1980); *La insurrección* (1985) de Antonio Skármeta e *Frente a un hombre armado* (Cacerías de 1848) (1981) de Mauricio Wacquez.

Toda a produção literária pós-golpe foi afetada por três fases históricas distintas: o período do “choque” (1973-1976), quando a política de Pinochet optou por dizimar todas as organizações, partidos políticos e grupos culturais, o período de consolidação da ditadura (1976-1980) e o período de descontentamento e desobediência civil (1981-1986), originado pelo nível de organização do grupo de oposição ao regime, que levou ao plebiscito de 1988. Dentro e fora do Chile a cultura se pôs a serviço de uma causa comum: a democracia e a liberdade.

Assim, em um primeiro momento há a transgressão das normas do silêncio imposto, há uma relação dialética entre o público e o privado, na medida em que as experiências pessoais são consequência de acontecimentos na esfera pública, eixo este constante na literatura do exílio. Segue-se uma fase de introspecção, em que se busca explicação para os acontecimentos e faz-se uma reflexão sobre a natureza do homem e da sociedade. A terceira fase representa uma tentativa de reconstruir a unidade entre o sujeito e o objeto.

No pasó nada, reflete a tensão dialética entre dois sentimentos inerentes ao exilado, a nostalgia da pátria e a necessidade de sentir-se parte do todo social do país que o acolhe. A postura usual do exilado é descrita por Skármeta de modo objetivo no prólogo: “Por mais drástico que pareça, para um exilado, o mundo se divide, do ponto de vista emocional, entre o país que perdeu e o resto do planeta” (p.9).

A queda da democracia no Chile, seguida da morte de Neruda, duas semanas depois, havia elaborado uma metáfora que não foi inventada pelo escritor: “em dolorosa sincronização apagavam-se a liberdade e a poesia” (p.11). E este é o sabor que predomina ao final de *O carteiro e o poeta*, quando o narrador recusa o açúcar que um jornalista lhe oferece dizendo: “Não, obrigado, eu tomo amargo”. O exílio tem, para o autor, um sabor amargo: após a morte de Allende e uma breve estada na Argentina, Skármeta esteve exilado na Alemanha por dezesseis anos.

O EXÍLIO SOB UM PONTO DE VISTA DIFERENTE

Na introdução à novela *No pasó nada*, Antonio Skármeta afirma que sua intenção ao escrevê-la foi abordar o tema do exílio de um ponto de vista diferente. Ao invés de partir das vítimas diretas, procurou retratar essa experiência na ótica dos seus filhos, que, ao contrário dos pais, cuja nostalgia era um empecilho à adaptação, buscavam levar uma vida normal, tentando inserir-se no mundo social.

No pasó nada é narrado na perspectiva de Lucho - um adolescente de 14 anos, exilado em Berlim com seus pais e um irmão menor, depois do golpe militar de 1973 no Chile, e narra o primeiro ano no exílio. O romance segue o padrão do *Bildungsroman*ⁱⁱ, uma vez que acompanha a passagem do narrador da infância à adolescência.

Os relatos do exílio geralmente retratam o saudosismo, a necessidade de preservação dos costumes e a perseverança na preservação da língua materna como elemento identitário. Segundo a ótica de Stuart Hall(1999), a construção da identidade é primeiramente linguística, sendo a língua o instrumento da identificação cultural e da agregação grupal. No exílio, passado o choque cultural, há sempre a necessidade de dar início ao um processo integrativo, que permita ao exilado subsistir na sociedade de acolhimento. O primeiro sinal dessa tentativa de adaptação é, sem dúvida, a aprendizagem do idioma do país.

Em *No pasó nada*, Lucho, o protagonista, informa ao leitor que fora o primeiro de sua família a aprender o alemão.

Eu fui o primeiro a aprender o alemão na família, e toda vez que o telefone tocava, meu pai ia me procurar para atender. Às vezes, quando eu não estava em casa, papai e mamãe deixavam o telefone tocar à vontade porque tinham vergonha de tirá-lo do gancho. E quando eu chegava em casa me davam uma bronca danada porque não estava quando o telefone tocava. (SKÁRMETA, 1997, p.27)

Mais tarde, essa habilidade se torna essencial, pois dela depende a sobrevivência de todos. Os pais de Lucho são professores e começam a dar aulas particulares de espanhol para sustentar a família e cabe ao filho o agendamento das aulas.

A angústia de viver no exílio, morando de favor em um quarto na casa de amigos, enquanto os pais buscavam um emprego, bem como a falta de privacidade, é expressa em uma linguagem simples, juvenil, mas não menos contundente:

Quem mais me incomoda é meu irmão menor, que entende pouco o alemão, e toda vez que vemos televisão ele não pára de perguntar o que está acontecendo, e eu fico traduzindo, e então ouço os atores e meu irmão continua enchendo para que eu explique, até que tenho que dar um cascudo nele e ele começa a chorar, e minha mãe dá um cascudo em mim e fica de mau humor e briga com o meu pai, e o velho estava cansado porque tinha acabado de chegar em casa depois de procurar trabalho, e minha mãe vinha com a conversa de que aquilo não podia continuar assim, que ela ia voltar para o Chile, que não tinha o que fazer aqui, e o meu pai ia para cama sem comer nada. (SKÁRMETA, 1997, pp. 26-27)

Lucho interpreta as agruras do seu dia-a-dia com o que Skármeta designa “ironia dramática”: o ato de zombar do mundo e de si próprio como uma autodefesa. Assim é que relata a instabilidade do temperamento do pai, oprimido pela saudade da terra natal e pelas dificuldades encontradas na Alemanha:

Acho que tive sorte com o papai porque sempre que pergunto por algum tio ele me diz se está preso, ou se está morto, ou se está no Canadá, na Romênia, na África, sei lá. Perguntei ao papai como é que um cavalo como o Osório podia estar na clandestinidade, se é só ver de longe e a gente percebe logo que aquele é o Osório. Não há jeito de disfarçar um Gordo. Para variar, papai me disse eu ia me dar um tabefe por ficar perguntando besteiras. Como devem ter percebido, meu paizinho colabora com entusiasmo e carinho na educação dos filhos. (SKÁRMETA, 1997, pp.30-31)

A vida no exílio é assombrada pelas notícias constantes da morte ou da prisão de um companheiro, e Lucho, como os outros filhos de exilados chilenos, divide-se entre a necessidade de manter acesa a chama do culto à pátria e a vontade de ser apenas mais um entre os jovens que transitam por Berlim.

A princípio, Lucho se sente um pária em uma sociedade culturalmente tão diferente da sua. Tudo lhe parece estranho. O frio que sente atinge-lhe mais a alma que o físico. A fatia de sol que procura é o ponto de contato com a terra natal, que amenizaria a sua solidão: “No começo não tinha amigos no colégio. Ficava nos recreios com meu irmão menor, empenhados em comer o sanduíche e pegar sol encostados na parede” (SKÁRMETA, 1997, p.28).

O apelido de Lucho, Nãofoinada, é um resquício de sua tentativa de adaptação.

No começo eu me sentia mais jogado fora em Berlim do que guimba. Ainda por cima nos puseram de cara, eu e meu irmão, na escola do bairro. Quando diziam *Guten Morgen* nós achávamos que estavam xingando a mãe. Os caras eram legais e vinham nos perguntar coisas, mas a gente só sabia sorrir feito bobalhões. Comecei a aprender alemão batendo bola no recreio. Eu jogava de zagueiro central, e baixei tanto sarrafo que aprendi diferentes palavrinhas: “desgraçado”, “filho da mãe”, “perna-de-pau”. Eu abria os braços e olhava para o atacante caído e dizia: “Não foi nada”. Sempre dizia aquilo. Então me apelidaram de Nãofoinada. Ainda hoje, quando uns me veem por aí, levantam as mãos assim e gritam: “E aí, Nãofoinada?” (SKÁRMETA, 1997, p.32)

As memórias do mundo de onde vem e os desafios do cotidiano ajudam-no a construir códigos próprios de sobrevivência e adaptação:

Agora vocês me veem assim e parece tudo bem. É que estou contando tudo misturado e aos pulos. Mas houve um tempo em que eu era a criança mais triste de Berlim. Fico com vergonha de contar o que vem agora. Não gosto de dizer que eu era uma “criança” porque meu pai nos disse que dali para a frente a infância acabara para nós. Que as coisas iam ser muito duras, e que tínhamos que nos comportar desde já como homens. Que não ficássemos pedindo coisas só porque não dava para comer. Que os alemães tinham uma solidariedade maior do que um bonde, mas nós precisávamos nos coçar com as nossas próprias unhas. Que a grana que os alemães juntavam era para os companheiros que estavam no Chile (...) que estávamos aqui como exilados políticos, e que na primeira confusão nos mandariam embora. Meu pai era especialista nesse tipo de discurso. Durante uma semana andamos na ponta dos pés. (SKÁRMETA, 1997, p.39-40)

A pobreza e a fome foram os seus primeiros adversários em Berlim:

Além do mais era inverno. Eu percorria o Tiergarten de cima a baixo procurando um pouquinho de sol. O sol em Berlim é a única coisa barata, mas muito escassa. Depois aprendi umas três palavras em alemão e atravessava o Tiergarten, passava por baixo do S Bahn Bellevue, saía em direção ao Zôo e depois andava a Kudamm inteirinha. Tudo isso sem um tostão, os bolsos engomados como camisa de milico. Se tivessem me segurado e sacudido para baixo, não teria caído uma só moedinha. Pensando bem, acho que eu não era a criança mais triste de Berlim, e sim da Europa, porque não recomendo a ninguém ficar triste em Berlim. E ficar triste e ainda por cima sem um *Pfennig* é razão para chorar aos prantos. Quando fazia muito frio eu me enfiava no sexto andar do KaDeWe e não passava nada mal. Tem sempre moças oferecendo coisas grátis no setor de comestíveis, e eu beliscava um pouquinho disso e daquilo.(...) De fome eu não ia morrer.(SKÁRMETA, 1997, pp.40-41)

Em meio a tudo isso, Lucho tem que enfrentar os ritos de passagem da infância para a adolescência, aprender a lidar com a própria sexualidade e descobrir o valor da amizade. A necessidade de sentir-se homem é tão forte quanto a necessidade de adaptação:

O que o velho nunca disse é que poderiam acontecer coisas piores. E essa coisa pior me aconteceu. Eu fui o cara mais queimado de Berlim. O caso é que eu dedicava muito tempo ao quiosque de revistas da Joachimstaler, É uma lojinha muito bonita com jornais estrangeiros, gibis e revistas de esporte. Eu ficava horas olhando os gibis, principalmente quando estávamos no famoso inverno. Lá dentro era quentinho, e não é que eu ficasse lendo as revistas, nada disso, mas me divertia muito olhando. Lá no fundo ficavam os assuntos pornográficos, como dizem. Às vezes eu me esgueirava até lá, mas os vendedores me expulsavam. Além do mais eu precisava parar de ficar olhando fotografias de mulheres e fazer o possível para debutar, porque já estava com pentelhos e sonhava em ter um bigode como o do meu velho ou o do Sr. Kumides. Eu sonhava muito com mulheres (...) parei de ir olhar as revistas quando me tornei fanático pelo radinho portátil. (SKÁRMETA, 1997, p.42)

A amizade se revela a Lucho por meio de estrangeiros, igualmente expatriados:

Meus primeiros amigos foram os gregos. Eles também eram dois e tinham a mesma idade que nós. Claro que tinham nomes esquisitos. O mais velho se chamava Homero; e o pequeno, Sócrates. Homero e Sócrates Kumides. Falavam bem o alemão, porque estavam aqui havia mais de cinco anos. (...) foram os meus melhores amigos. Eles me levaram a casa deles, me ensinaram a tomar vinho, a dançar como o Zorba e, o mais fundamental, a falar alemão. (SKÁRMETA, 1997, p.33)

Os exilados normalmente se reúnem com outros da mesma origem. Lucho quebra esse paradigma. Seus amigos compartilham a experiência do

exílio, mas não a herança cultural. Por outro lado, o contato com dados culturais de outro país além daquele de adoção faz com que ele tenha uma percepção mais clara da diversidade. Lucho é um sujeito em processo, que resignifica a própria identidade a partir da interação social.

Os pais de Lucho continuam sua militância no exílio:

[...] era aniversário do golpe militar no Chile e estávamos todos feitos doidos pintando faixas para uma passeata que ia haver na Savigny Platz. Eu fiquei numa turma de pintores, porque os pais estavam ocupados organizando outra manifestação e as mães faziam artesanato chileno para vender onde pudessem [...] era igualzinho estar na casa do meu pai em Santiago, quando íamos às passeatas de Allende e até os lotações desfilavam. (SKÁRMETA, 1997, p.49)

Lucho registra as atividades dos manifestantes com orgulho, o que demonstra o seu apego às raízes, mas sem o comprometimento paterno:

No 11 de setembro fizeram um tremendo comício em Kreuzberg e nós ensinamos os alemães a gritar as palavras de ordem que usávamos no Chile. Aprenderam direitinho: “O povo unido jamais será vencido”, “UP, sempre em frente”, e “Companheiro Salvador Allende, presente”. Parece que eles só sabem um. Aquele que diz “ Internationale Solidarität.” Foi um dia muito especial para a nossa família, porque meu pai fez o discurso na Hermann Platz. Chamaram uma tradutora. Bem simpática, a garota. Meu velho é incapaz de dizer três palavras sobre o Chile sem se emocionar, e dois minutos depois de começar ele estava se esgoelando, e mais cinco as lágrimas escorriam até o bolso dele [...] lembrem do nome do meu pai, quando menos se esperar ele vira senador. Papai disse que Pinochet estava na marca do pênalti. Que agradecia a solidariedade internacional, e que o Chile estava ficando repleto de heróis. Falou dos companheiros presos e torturados, e terminou com o punho no alto dizendo “Venceremos”[...] (SKÁRMETA, 1997, p. 72)

A memória de Lucho está presa a um tempo anterior ao exílio, quando a família tinha uma existência mais tranquila. Conforme afirma Said, “para o exilado, os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo ambiente ocorrem inevitavelmente contra o pano de fundo da memória dessas coisas em outro ambiente.” (SAID, 2003, p. 58). A alegria dos pais após o comício, externando um plano de retorno ao Chile no ano seguinte, leva-o a pensar que momentos como aquele deveriam ser eternos. E é pensando na eternidade que Lucho questiona a existência de Deus diante das mortes dos amigos e parentes que ficaram na terra natal.

Quando, devido ao confronto com outro jovem, Hans, a quem agredira com um golpe baixo, Lucho passa a ser perseguido, o irmão de Hans o desafia para uma luta, não sem antes lembrar-lhe de sua condição:

– Escuta aqui, Chileno – disse, mordendo as palavras.– Meu irmão não dedurou você de homem que ele é. Sabe o que vai lhe acontecer se ele disser quem foi? Mandam você embora do país, imbecil! Você e seus pais, babaca! E onde vão se esconder? Vocês são como ciganos! (SKÁRMETA, 1997, p.86)

É possível perceber no discurso de Michael a diferença vista como subalternidade. Muito embora ao fim do romance o embate termine em amizade, essa passagem demonstra que, no exílio, Lucho está exposto a diferentes formas de percepção da diferença. Os irmãos Kumides, por exemplo, por serem igualmente estrangeiros, dão à diferença o espaço da coexistência, do compartilhamento. Diferentemente, Hans e Michael estigmatizam a diferença e a condição do exílio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *No pasó nada*, Lucho afirma que desistira de ser músico e decidira ser escritor. A considerar o prólogo escrito por Skármeta, pode-se dizer que ele assume uma *persona* do autor; justamente aquela versão que o impediu de sofrer “uma derrota dupla”, ou seja, a ausência do seu país e a produção de uma prosa revestida de desesperança. Lucho aponta para outra direção. Segundo as palavras do autor, é um garoto que navega “fluentemente em um código duplo” (SKÁRMETA, 1997, p. 18), que aceita o desafio do novo ambiente sem se desafiliar do universo dos pais.

O processo de aculturação de Lucho se dá de um modo mais brando do que o dos seus pais. Sua prontidão para aprender o alemão, sua adaptabilidade são fruto do olhar de uma geração apta a desafios; lição que o próprio autor aprendeu observando os filhos dos amigos durante os anos em que esteve na Alemanha. Lucho é fruto de um discurso de esperança plantado nas sombras do exílio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. São Paulo: DP&A, 1999.

KUPCHIK, Christian. **Cine y exílios**. s/d. In: www.henciclopedia.org.uy/autores/Kupchik/Exilio.htm Acesso em 18/02/2017.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands*. **Essays and Criticism 1981-1991**. London: Granta/Penguin, 1991.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio*. In: _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 46-60.

SKÁRMETA, Antonio. **Não foi nada**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Record, 1997.

ⁱ Nas citações será utilizada a tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht.

ⁱⁱ Romance de formação, em que se acompanha o desenvolvimento moral e psicológico do protagonista.